

Caro (a) Investidor(a),

Ao chegarmos à metade de 2024, podemos olhar para trás e analisar como os primeiros seis meses do ano se desenrolaram no cenário econômico global e nacional. Embora ainda haja muito pela frente, essa retrospectiva nos permite entender melhor as tendências e os acontecimentos que marcaram o início deste ano.

Nesse período, o crescimento econômico mundial manteve-se estável, a perspectiva do FMI é de um crescimento do PIB global de 3,2% em 2024. No Brasil, apesar de abaixo da média mundial, o PIB vem sendo um destaque positivo, crescendo 0,8% no primeiro trimestre de 2024, impulsionado pelo consumo das famílias, que aumentou 1,5% no trimestre e 4,4% em termos anuais, e pelos investimentos, que subiram 3,1% no trimestre. Esse crescimento do consumo doméstico deve-se, em parte, ao robusto mercado de trabalho, com taxas de desemprego historicamente baixas e ao crescimento dos salários reais, impulsionado pelo pagamento de precatórios e aumento do salário mínimo. Com isso, o crescimento ano a ano foi de 2,5%, assim como o crescimento acumulado nos últimos 12 meses. Esse resultado fez com que o Banco Central revisasse sua projeção de crescimento do PIB para 2,3% em 2024.

No entanto, os maiores desafios para 2024 estão na condução das políticas monetárias e fiscais ao redor do mundo. A tendência global de cortes de taxas já começou, com bancos como o Banco Nacional da Suíça, o Riksbank sueco e o Banco Central Europeu reduzindo suas taxas de juros em 25 pontos-base. No entanto, a inflação global caiu de forma desigual. Nos EUA, certos componentes como aluguel e custos de saúde mantiveram a inflação elevada, levando o FOMC a manter as taxas de juros altas por mais tempo. Assim, o Federal Reserve ainda não iniciou seu ciclo de corte de taxas de juros devido à persistência da inflação, mas espera-se uma redução ainda neste segundo semestre de 2024, caso os indicadores econômicos mostrem sinais positivos de arrefecimento da inflação.

No Brasil, a inflação subjacente melhorou, com o IPCA acumulando alta de 2,48% no ano e, nos últimos 12 meses, de 4,23%. Contudo, a política fiscal do governo brasileiro, com aumento de despesas acima da inflação, elevou o déficit primário e a relação dívida/PIB. Esse cenário complicou o trabalho do Banco Central, especialmente com um mercado de trabalho aquecido que impede uma queda mais rápida dos juros. Apesar disso, um passo importante foi dado após a mais recente decisão de política monetária do Banco Central. Com uma votação unânime, o BC optou por manter as taxas de juros em 10,50%, interrompendo o processo de flexibilização em um contexto de expectativas inflacionárias desancoradas. O principal desafio do governo agora é apresentar um plano que promova o equilíbrio das finanças públicas sem depender de aumentos na arrecadação de impostos. Até o momento, os mercados estão bastante céticos quanto à capacidade das iniciativas planejadas serem robustas o suficiente para atingir um orçamento equilibrado em 2025.

Em relação aos reflexos desse cenário nos mercados, vimos os mercados de ações globais apresentarem um desempenho misto. O índice MSCI ACWI subiu 2,1% em junho, acumulando um ganho de 10,3% no ano. Nos EUA, os índices S&P 500 e Nasdaq 100 subiram 14,5% e 17% nesse primeiro semestre, respectivamente. No entanto, houve uma recuperação desi-

gual entre as diversas regiões do globo, com a Zona do Euro e o Reino Unido se destacando, enquanto Japão, Hong Kong e mercados emergentes tiveram desempenhos mais fracos. Por último, mas não menos importante, vimos uma queda nos índices da China, refletindo a cautela com o processo de recuperação econômica do país.

No Brasil, o Ibovespa teve um desempenho negativo no primeiro semestre, caindo 7,7% em reais e 19,5% em dólares. Essa queda foi atribuída a um cenário macroeconômico externo volátil, com reprecificação das expectativas de cortes de taxas pelo Federal Reserve, além de incertezas contínuas sobre a política fiscal e monetária doméstica. O fluxo de investidores estrangeiros também foi impactado, com uma saída recorde de R\$ 40,7 bilhões na primeira metade do ano.

Em resumo, o primeiro semestre de 2024 foi cheio de desafios e oportunidades para a economia global e brasileira. A combinação de políticas monetárias flexíveis, desempenho desigual entre regiões e setores, e um cenário fiscal complexo no Brasil moldaram o ambiente econômico e de mercado.

Olhando para o futuro, continuamos atentos às políticas dos bancos centrais e às dinâmicas internas dos mercados, buscando aproveitar as oportunidades e mitigar os riscos emergentes. E, conforme olhamos para a segunda metade de 2024, vários eventos importantes estão prestes a determinar o cenário de investimentos. Os EUA elegerão o próximo presidente, a inteligência artificial (IA) deve continuar avançando rapidamente e possivelmente o Fed começará a cortar taxas de juros nos Estados Unidos. No Brasil, teremos discussões acerca da reforma tributária, da elaboração da proposta orçamentária de 2025 e ainda, eleições municipais este ano.

Vamos continuar acompanhando de perto esses desenvolvimentos, ajustando nossas estratégias conforme necessário para navegar pelos desafios e aproveitar as oportunidades que possam surgir.

Um abraço,
Time Rio Negro.